

CISÃO MORFOLÓGICA EM CONSTRUÇÕES BITRANSITIVAS EM NHEENGATU¹

ALINE DA CRUZ*

RESUMO

Em línguas da família Tupi-Guarani, hierarquias de referência têm se mostrado de grande valia para analisar padrões diferenciais de marcação de objetos em orações transitivas (JENSEN, 1990, para uma visão comparativa). Diferentemente de outras línguas da família, o Nheengatu (língua geral amazônica) trata participantes intralocutivos e extralocutivos de forma similar nas orações transitivas. No entanto, nas construções bitransitivas (e também nas benefactivas), os efeitos da hierarquia de referência levam à cisão na forma de marcação de *recipientes* (e *beneficiários*) extralocutivos e intralocutivos. Ademais, a marcação do terceiro participante também pode estar associada à da categoria de modalidade de finalidade. Neste artigo, descrevem-se os padrões de marcação do terceiro participante e analisam-se os fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos correlacionados a cada uma das construções possíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Nheengatu (língua geral), bitransitivas e benefactivas, cisão morfológica, hierarquia de referência, modalidade de finalidade.

INTRODUÇÃO

Desde Benveniste (1966), têm-se observado assimetrias na forma de marcação dos participantes que constituem a situação comunicativa, identificados pelas formas de primeira e segunda pessoa gramatical, e dos participantes externos à situação comunicativa, identificados pelas formas de terceira pessoa gramatical. Em diversas línguas, observam-se cisões ou alternâncias em padrões de alinhamento correlacionadas às assimetrias entre participantes intralocutivos e extralocutivos.

* Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. Pesquisa financiada pelo CNPq.
E-mail: aline.da.cruz@live.com

Vários estudos como, por exemplo, de Dryer (1986), Croft (1990), Malchukov, Haspelmath e Comrie (2010), ampliaram a análise dos padrões de alinhamento para construções com três participantes, particularmente bitransitivas. No entanto, as assimetrias nas propriedades gramaticais de participantes intralocutivos e extralocutivos, nesse tipo de construção, ainda não receberam a atenção adequada. Segundo Comrie (2003), em línguas de diversas partes do mundo, ocorrem casos de supleção lexical, em que uma língua possui dois verbos para expressar a ideia central de transferência (verbos com semântica de “dar”). Em Malaiala, por exemplo, há uma supleção lexical entre os verbos *koTukkuka* e *taruka ~tarika*. Embora ambos expressem um processo de transferência e possam ser traduzidos pelo verbo “dar”, o primeiro (*koTukkuka*) seleciona como *recipiente* um participante extralocutivo, enquanto o segundo (*taruka ~tarika*) seleciona como *recipiente* um participante intralocutivo. Ainda segundo Comrie (2003), a supleção lexical em formas do verbo “dar” é um fenômeno esporádico, ou seja, nem é o caso de distribuição genealógica nem areal.

Neste texto, descreve-se o caso de assimetria no tratamento de *recipiente/beneficiário* em Nheengatu, que se desenvolveu como língua geral amazônica a partir da reestruturação do Tupinambá (Tupi-Guarani, subgrupo III). Nessa língua, o dativo ocorre apenas com participante extralocutivo. Para a marcação de participantes intralocutivos, utiliza-se uma oração subordinada de finalidade. Trata-se de uma inovação do Nheengatu, visto que esse fenômeno não ocorre em outras línguas da família.

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, apresentam-se informações morfossintáticas necessárias para a compreensão das hipóteses defendidas nas seções subsequentes. Na segunda, investigam-se as construções bitransitivas e benefactivas em Nheengatu, particularmente, a cisão na forma de marcação de dativos extralocutivos e intralocutivos. Na terceira, discute-se a relação entre o tipo de marcação do terceiro participante e a expressão da finalidade. Por fim, apresentam-se um sumário dessa investigação e perspectivas para estudos futuros.

1 INFORMAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS PRELIMINARES: NOMES E VERBOS COMO PREDICADOS

Em línguas da família Tupi-Guarani, verifica-se constantemente a habilidade de nomes e verbos tanto para instituírem predicados quanto para ocorrerem na função de argumento. Análises nessa direção são apontadas para várias línguas da família, como o Tupinambá (RODRIGUES, 1996), Kamaiurá (SEKI, 2000), Tapirapé (PRAÇA, 2007; PRAÇA e VICENTE, 2010), entre outras.²

O Nheengatu é mais inovador em relação às demais línguas da família, mas também conserva algumas dessas características. Nele, a função de argumento é exclusiva dos nomes, porém tanto nomes quanto verbos podem instituir predicado. Os enunciados de (1) a (4) abaixo ilustram o uso de nomes e verbos em função de predicado. Verbos transitivos e verbos intransitivos ativos indicam o sujeito por meio de um prefixo de pessoa, como ilustrado em (1) e (2), respectivamente. Por sua vez, verbos intransitivos estativos e nomes em função de predicado podem indicar o sujeito apenas por um sintagma nominal, como ilustrado em (3) e (4), respectivamente:

- | | | | | |
|-----|-----------------------------|-----------------------------|-------------------------|-------------------|
| (1) | <i>tau-siki</i> | <i>yakunda</i> ³ | Predicado verbal | |
| | 3PL.A-puxar | peixe.jacunda | (Transitivo) | |
| | ‘Puxaram o jacundá.’ | | | |
| (2) | <i>ya-puraki</i> | | Predicado verbal | |
| | 1SG.A-trabalhar | | (Intransitivo ativo) | |
| | ‘Trabalhamos.’ | | | |
| (3) | <i>ainta</i> | <i>kirimba</i> | Predicado verbal | |
| | 3PL | ser.forte | (Intransitivo estativo) | |
| | ‘Eles são fortes.’ | | | |
| (4) | <i>se-ratiwa</i> | <i>kapitãu</i> | <i>ike</i> | Predicado nominal |
| | 1SG.NA-sogro | chefe | aqui | |
| | ‘Meu sogro foi chefe aqui.’ | | | |

A função de argumento, no entanto, é restrita aos nomes. Verbos precisam ser nominalizados para ocorrerem nesta função. Em (5),

o nome *kapitãu* ‘chefe’ ocorre como argumento. Em (6) e em (7), os verbos estativos *kirimba* ‘ser forte’ e ativo *puraki* ‘trabalhar’ são nominalizados para poderem funcionar como argumento.

- (5) *kapitãu* *u-su=wã*
 chefe 3SG.A-ir=PFV
 ‘O chefe já foi embora.’
- (6) *inde* *re-meẽ* *ne-kirimba-sa*
 2SG 2SG.A-dar 2SG.NA-ser.forte-NMZ:EV
 ‘Você dá a tua força.’
- (7) *u-puraki-sara* *ita* *ta-sika*
 3SG.A-trabalhar-NMZ:AG PL 3PL.A-chegar
 ‘Os trabalhadores chegaram.’

A distinção entre nomes e verbos, portanto, é feita com base em critérios morfológicos e sintáticos: nomes são elementos lexicais que podem ocupar a posição de núcleo de sintagma, cuja função primária é a de argumento; o sintagma nominal pode funcionar também como predicado em orações nominais sem necessidade de cópula. Verbos, por sua vez, são elementos lexicais que têm como única função predicar e que precisam ser nominalizados para funcionarem como argumento.

Em estudos tipológicos, observa-se que verbos tendem a receber morfologia aspecto-temporal, enquanto nomes seriam incompatíveis com essas marcas (GIVÓN, 2001). No entanto, esse critério não pode ser empregado para a análise do Nheengatu, uma vez que as categorias aspecto-temporais são propriedades do predicado como um todo: as categorias aspectuais são expressas por clíticos e as categorias temporais, por advérbios e partículas.⁴ Os enunciados abaixo ilustram a combinação de clíticos aspectuais a predicados nominais em (8) e verbais – intransitivo estativo em (9), e intransitivo ativo em (10). Em (11), observa-se que a indicação temporal é feita por meio de advérbio:

- (8) *amu=wã* *se-rera*⁵
 outra.entidade=PFV 1SG.NA-nome
 ‘Meu nome já é outro.’

(9) *yawuti* *i-kuere=wã*
jabuti 3SG.A-ser.cansado=PFV
 ‘O jabuti já estava cansado.’

(10) *ya-su=wã*
 1PL.A-ir=PFV
 ‘Já vamos.’

(11) *ae kapitãu kuxima ike*
 3SG chefe antigamente aqui
 ‘Ele era o chefe antigamente aqui.’

Além de nomes e verbos poderem instituir predicados, o Nheengatu também permite que advérbios e sintagmas posposicionais ocorram em função de predicado. Em (12), o sintagma posposicional (*Tawa upe*) funciona como predicado. Em (13) e (14), advérbios funcionam como predicado. Observe que os clíticos de aspecto e a partícula de negação combinam-se diretamente ao predicado:

(12) *ixe Tawa upe*
 1SG São.Gabriel.da.Cachoeira LOC
 ‘Eu estou em São Gabriel da Cachoeira.’

(13) *yande ike=wã*
 1PL aqui=PFV
 ‘Nós já estávamos aqui.’

(14) *ti ike limiti*
 NEG aqui limite
 ‘O limite não era aqui.’

Se sintagmas nominais podem ocorrer como predicado, é natural que também ocorram em orações subordinadas. Os enunciados de (15) a (17) ilustram construções subordinadas com *rame* ‘temporal’. O subordinador ocorre com verbos, como em (15); com sintagmas nominais com núcleo manifestado lexicalmente, como em (16), ou sintagmas nominais com núcleo manifestado por pronome, como em (17). Os enunciados (18) e (19) ilustram construções subordinadas com *arã* ‘finalidade’. Em (18), o subordinador *arã* ‘finalidade’ ocorre com

predicados verbais e, em (19), com predicados nominais. Para facilitar a compreensão dos exemplos, as orações subordinadas são indicadas por colchetes:

- (15) [*re-munda rame*] *re-munhã* *ne-rupiara*
 2SG.A-roubar SUB 2SG.A-fazer 2SG.A-castigo
 ‘Quando você rouba, você faz seu castigo.’
- (16) *kuxima*, [*kuaira rame*] *a-m-uri* *wera* *inde*
 antigamente pequeno SUB 1SG.A-CAUS-ser.alegre HAB 2SG
 ‘Antigamente, quando você era pequena, eu sempre agradava você.’
- (17) [*ixe rame*] *a-kuntai* *Nheengatu*
 1SG SUB 1SG.A-falar *nheengatu*
 ‘Se fosse eu, falava Nheengatu.’ (Lit.: Quando for eu, falo Nheengatu)
- (18) *kui* *a-mbeu* [*re-sendu=rã*]
 agora 1SG.A-contar 2SG.A-escutar=SUB
 ‘Agora conto para você escutar’.
- (19) *a-yutima* *se-iwa* *asui* *a-yuka* [*se-rimiara=rã*]
 1SG.A-plantar 1SG.NA-fruta CONJ 1SG.A-tirar 1SG.NA-Comida=SUB
 ‘Planto minha fruta e depois retiro para ser minha comida.’

Como as marcas aspecto-temporais não são propriedades verbais, mas diretamente associadas ao predicado, podem ser combinadas aos subordinadores. Em (20), a partícula *kuri* ‘futuro’ tem escopo na oração subordinada como um todo. Do mesmo modo, *yepe* ‘frustrativo’ ocorre após o subordinador *arã* e tem escopo na subordinada como um todo, como ilustrado em (21):

- (20) *u-yupiru-sa* *kua* *Namuĩ* [*pe-kua=rã* *kuri*]
 3SG.A-começar-NMZ DEM Anamuim 2PL.A-saber=SUB FUT
 ‘O começo desta Anamoim é para vocês saberem agora.’
- (21) *amu* *u-yuka* [*ximiriku=rã* *yepe*]
 outra.entidade 3SG.A-tirar 3SG.NA.esposa=SUB FRUSTR
 ‘Outro a tiraria para ser sua esposa (mas não a tirou).’

Na próxima seção, será possível observar que a oração subordinada de finalidade com predicado nominal é utilizada em construções com três participantes.

2 CISÃO NA MARCAÇÃO DE CONSTRUÇÕES COM TRÊS ARGUMENTOS

Segundo Givón (2001, p. 141), construções bitransitivas expressam eventos com três participantes obrigatórios. Nessa definição, o autor inclui tanto as construções em que o terceiro participante obrigatório é um locativo (ex. *João colocou o livro no armário*) quanto aquelas em que o terceiro participante recebe o papel temático de *recipiente* (ex. *João deu o livro para Maria*). Neste trabalho, focalizam-se as construções bitransitivas em que o terceiro participante recebe o papel temático de *recipiente* e que prototipicamente expressam um processo de transferência. No final da seção, apresenta-se uma análise acerca das construções benefactivas.

Os processos de transferência envolvem três participantes, que recebem os papéis temáticos de *agente* (A), *tema* (T) e *recipiente* (R). O participante *agente* transfere uma entidade, o *tema*, para um terceiro participante, o *recipiente*. No par de enunciados em (22), o participante *agente* ocorre como sujeito, indicado pelo prefixo de primeira pessoa no verbo; o participante *tema* ocorre como objeto (*tata*); e o participante *recipiente* ocorre em um sintagma posposicional em função de adjunto (*tasupe*).⁶ Como é possível observar pela comparação entre os enunciados (22a) e (22b), a ordem do objeto em relação ao adjunto é livre:⁷

(22a) *a-meẽ* *ta-supe* *tata*
 1SG.A-dar 3PL.A-DAT fogo
 A R T
 ‘Dei para eles fogo.’

(22b) *a-meẽ* *tata* *ta-supe*
 1SG.A-dar fogo 3PL.A-DAT
 A T R
 ‘Dei fogo para eles.’

Seguindo a classificação proposta por Malchukov, Haspelmath e Comrie (2010), o Nheengatu possui um padrão de alinhamento do tipo “indireto”, em que as propriedades gramaticais do objeto do verbo transitivo que recebe o papel temático de *paciente* são as mesmas do objeto do verbo bitransitivo que recebe o papel temático de *tema* ($P = T \neq R$). Comparando as construções bitransitivas em (22a) e (22b) acima à construção transitiva em (23) abaixo, observa-se que o *paciente* da transitiva e o *tema* da bitransitiva são expressos como objeto direto:

(23) *u-putai* *tata*
 3SG.A-querer fogo
 A P
 ‘Ele quer fogo.’

Quanto à marcação do participante *recipiente*, há uma cisão morfológica, determinada pela hierarquia de referencialidade. O participante que recebe o papel temático de *recipiente* é formalmente identificado pela posposição *supe* ‘dativo’ quando seu referente expressa um participante externo à situação comunicativa. A expressão de um *recipiente* que indica um participante presente na situação comunicativa é feita por meio de uma oração subordinada de finalidade, indicada pelo subordinador *arã*. Os enunciados em (22) acima e (24) abaixo ilustram construções bitransitivas, em que o participante que recebe o papel temático de *recipiente* é extralocutivo. Em (22), o *recipiente* é expresso por um prefixo de pessoa da série não ativa, e em (24), o *recipiente* é manifestado lexicalmente. O enunciado em (25) ilustra uma construção bitransitiva em que o *recipiente* é intralocutivo. Observa-se que em (22) e (24) o participante *recipiente* recebe o caso “dativo”, indicado pela posposição *supe*, ao passo que, em (25), o *recipiente* não o recebe, mas é expresso em uma oração subordinada, o que é um caso de cisão morfológica na marcação do dativo:

(24) *ta-meẽ* *meyu* *waimĩ* *supe*
 3PL.A-dar beiju velha DAT
 A T R
 ‘Deram beiju para a velha.’

- (25) *re-meẽ=re* *x=arã* *kua* *taina*
 2SG.A-dar=IMP 1SG=SUB DEM criança
 A R T
 ‘Me dê ainda esta criança.’

A combinação da posposição *supe* com formas intralocutivas resulta numa forma agramatical, como ilustrado pelos testes de gramaticalidade em (26):

- (26) *yane-supe* (*supe* com prefixo de primeira pessoa do plural da série não ativa)
yande-supe (*supe* com pronome livre de primeira pessoa do plural)
ya-supe (*supe* com prefixo de primeira pessoa do plural da série ativa)

A ausência de combinação entre o marcador de dativo *supe* e as formas pronominais intralocutivas é suprida pela construção [*pronome livre=arã*]. Em trabalho anterior desenvolvido por esta pesquisadora (CRUZ, 2011, p. 217), indicou-se a existência de duas formas homófonas de *arã*: uma posposição de “dativo prospectivo” e um “subordinador de finalidade”. Em contraste à análise desenvolvida anteriormente, a hipótese apresentada neste trabalho é a de que não haja homofonia entre duas formas, mas apenas uma forma *arã* com função de “subordinador de finalidade”. Para demonstrar essa hipótese, são apresentadas propriedades formais e funcionais de *arã*.

Formalmente, *arã* não tem propriedades de posposição. Enquanto posposições combinam-se com prefixos da série não ativa, *arã* não se combina com índices de pessoa da série não ativa, como ilustra o teste de gramaticalidade em (27):

- (27) *ne-arã*
 2SG.NA-SUB
 ‘para você’

O subordinador *arã* tem as mesmas propriedades formais que outros subordinadores da língua, como *rame* ‘temporal’, por exemplo. Como visto na seção 1, ambos ocorrem com predicados verbais e não

verbais; ambos podem se combinar diretamente com um pronome livre em função de predicado nominal subordinado; ambos não se combinam com prefixos da série não ativa; e ambos podem ocorrer com clíticos e partículas que expressem categorias aspecto-temporais. Em outras palavras, a construção subordinada *ixe arã*, em (25), é formalmente idêntica à construção *ixe rame* ‘quando for eu ~ se fosse eu’ em (17), reproduzido abaixo sob o número (28). A única diferença formal entre (25) e (28) tem natureza fonológica: o subordinador *arã* (~ =*rã*) tende a ocorrer como clítico, tomando o pronome pessoal como seu hospedeiro fonológico:

(28) [*ixe* *rame*] *a-kuntai* *Nheengatu*
 1SG SUB 1SG.A-falar nheengatu
 ‘Se fosse eu, falava Nheengatu.’ (Lit.: Quando for eu, falo Nheengatu)

Semanticamente, *arã* expressa uma subordinada de “finalidade”. Cristofaro (2003, p. 157) afirma que “purpose relations link two [clauses] one of which (the main one) is performed with the goal of obtaining the realization of another one (the dependent one)” [relações de finalidade relacionam [orações], uma das quais (a principal) é realizada com o objetivo de obter a realização de outra (a oração subordinada)]. A função de subordinador de “finalidade” e as funções de *recipiente* e de *beneficiário* compartilham propriedades semânticas: indicam que um evento é feito em função de outro. Em estudos tipológicos, nota-se que conceitualmente as funções *recipiente*, *beneficiário* e *finalidade* são comumente expressas pela mesma marca gramatical (HASPELMATH, 2003). Em Português, por exemplo, a preposição “para” introduz o *recipiente*, o *beneficiário* e as orações nominalizadas por infinitivo com semântica de finalidade (ex.: *Li para meu filho ouvir*). Em Nheengatu, há uma cisão: *recipiente* e *beneficiário* intralocutivos são marcados pelo subordinador de finalidade *arã*; *recipiente* e *beneficiário* extralocutivos são marcados pela posposição *supe* ‘dativo’. Porém, a posposição *supe* pode se combinar com o subordinador *arã*.⁸

Como visto na seção 1, sintagmas posposicionais também podem funcionar como predicados. Dessa forma, o sintagma posposicional que indica o dativo extralocutivo [[NP] *supe*] também pode ocorrer dentro

de uma oração subordinada de finalidade, como ilustrado em (29) abaixo. Compare (29) com (24), representada abaixo como (30):

(29) *ta-meẽ meyu waimĩ supe=rã*
 3PL.A-dar beiju velha DAT=SUB
 A T R
 ‘Deram beiju para a velha.’

(30) *ta-meẽ meyu waimĩ supe*
 3PL.A-dar beiju velha DAT
 A T R
 ‘Deram beiju para a velha.’

Consideram-se as estruturas $[[X]_{SN} supe]_{sp}$, ilustrada em (30), e $[[[X]_{SN} supe]_{sp} arã]_{sc}$, ilustrada em (29), como em alternância, porque são duas construções que expressam conteúdos semânticos que, grosso modo, parecem ser equivalentes. A alternância, diferentemente da cisão, é opcional. As construções alternantes, porém, podem ter funções pragmático-discursivas ligeiramente diferentes, conforme será discutido na seção abaixo.

O Quadro 1 apresenta as construções bitransitivas em Nheengatu, de forma que é possível observar a cisão na forma de marcação de participantes intralocutivos e extralocutivos e a alternância entre duas formas de indicar os extralocutivos:

QUADRO 1 - RESUMO DAS CONSTRUÇÕES COM TRÊS PARTICIPANTES EM NHEENGATU

| | | | | | | |
|-------------|----------------------|--------------|------------------|---------------------------------|-----------------|-------|
| | $[(SN_i)]$ S A | $IP_{A_i}-V$ | $[SN]$ O T | $[[SN]=arã]$ SUB R | R intralocutivo | |
| ALTERNÂNCIA | $[(SN_i)]$ S A | $IP_{A_i}-V$ | $[SN]$ O T | $[[SN] supe]$ ADJ R | R extralocutivo | CISÃO |
| | $[(SN_i)]$ S A | $IP_{A_i}-V$ | $[SN]$ O T | $[[[SN] supe]=arã]$ SUB R | | |

Os mais prototípicos representantes da classe de verbos bitransitivos são os que expressam um processo de transferência física, como

meẽ ‘dar’, *mundu* ‘enviar’, *sasa* ‘passar’ (no sentido de ‘transferir’). Verbos de enunciação, como *nheẽ* ‘dizer’, *mbeu* ‘contar’, *kuntai* ‘falar’, também funcionam como bitransitivos. Nesse caso, o enunciador corresponde ao *agente* (A); o enunciado é interpretado como *tema* (T) e o enunciatário ocorre como *recipiente* (R). Os exemplos (31), (32) e (33) ilustram construções bitransitivas com verbos de enunciação. Em (31), o *recipiente* intralocutivo ocorre dentro de uma oração subordinada; em (32) e (33), o *recipiente* extralocutivo é identificado pela posposição *supe* e o sintagma posposicional [[SN] *supe*] ocorre em uma subordinada em (33):

(31) *nhaã* *istoria* *a-mbeu* *penh=arã*
 DEM história 1SG.A-contar vocês=SUB
 ‘Aquele história, conto para vocês.’

(32) *kui=ta* *u- nheẽ* *imu* *supe*
 agora=Q 3SG.A-dizer 3SG. A.irmão DAT
 ‘E agora? Disse para seu irmão.’

(33) *ya-mbeu* *tuxawa* *supe=arã*
 1PL. A-contar cacique DAT=SUB
 ‘Contamos para o cacique.’ (E há uma expectativa de que algo seja feito em relação ao que foi dito)

O padrão sumarizado no Quadro 1 também ocorre com construções benefactivas. Para Kittilä (2005), é bastante comum entre as línguas do mundo que uma mesma forma – convencionalmente chamada de “dativo” – expresse o *recipiente* e o *beneficiário*. De acordo com Zúñiga e Kittilä (2010, p. 2), o papel temático *beneficiário* é atribuído a um participante favoravelmente afetado por um evento. Como ilustrado pelos enunciados de (34) a (38) abaixo, participantes que recebem o papel temático de *beneficiário* não são obrigatórios, isto é, não fazem parte da estrutura argumental do verbo. Construções benefactivas podem ocorrer com verbos transitivos, como em (34) e (35); com verbos intransitivos ativos, como em (36); com verbos intransitivos estativos, como em (37); e com predicados não verbais, como ilustrado pela construção existencial em (38). Similarmente ao que ocorre nas

construções bitransitivas, nas construções benefactivas, o terceiro participante é identificado pela posposição *supe* quando seu referente é extralocutivo, como em (35) e (36), e por uma oração subordinada, quando seu referente é intralocutivo, como em (34), (37) e (38) abaixo. Observe que, em (36), o sintagma posposicional que expressa o dativo ocorre dentro da subordinada encabeçada por *arã*:

(34) *a-su kuri a-yuká ind=arã kua tukunare-wasu*
 1SG.A-ir FUT 1SG.A-matar você= SUB DEM tucunaré-AUM
 ‘Vou matar para você aquele tucunarezão!’

(35) *tau-munhã kaxiri xupe*
 3PL.A-fazer cachiri 3SG.NA:DAT
 ‘Eles fizeram cachiri para ele.’

(36) *kua farda-miri tau-sika alunu ta-supe=rã*
 DEM uniforme-DIM 3PL.A-chegar aluno 3PL.NA-DAT=SUB
 ‘Estes uniformes pequenos chegam para os alunos.’ (E há uma expectativa de que os alunos usem os uniformes)

(37) *puranga te kua istudu penh=arã*
 ser.bonito FOC DEM estudo 2PL=SUB
 ‘Está bom mesmo este estudo para vocês.’

(38) *porke aikue iskola indigena ixe a-aseitai*
 CONJ EXIST escola indígena 1SG 1SG.A-aceitar

agora diferenciada xarã nhaã ti=a-kua
 CONJ diferenciada 1SG=DAT DEM NEG=1SG.A-saber
 ‘Porque haver escola indígena, aceito. Agora, diferenciada para mim; isso, não sei.’

Na próxima seção, investiga-se a alternância entre as construções em que o *recipiente* e o *beneficiário* extralocutivos são identificados por *supe* e as construções em que são indicados por *supe* em combinação com *arã*, a fim de verificar as propriedades discursivas associadas a cada construção.

3 A EXPRESSÃO DE FINALIDADE EM ASSOCIAÇÃO AO DATIVO

Na seção anterior, observou-se que há uma cisão na marcação de *recipiente/beneficiário* em Nheengatu: participantes extralocutivos são indicados por uma posposição de dativo e participantes intralocutivos são expressos por uma oração subordinada. O Nheengatu permite também que o sintagma posposicional que expressa o dativo, $[[X]_{SN} \textit{supe}]_{SP}$, ocorra em uma oração subordinada. De forma estrutural, essa construção pode ser representada como $[[[N]_{SN} \textit{supe}]_{SP} \textit{arã}]_{SC}$. Dessa forma, o *recipiente* extralocutivo pode ser expresso tanto por um sintagma posposicional nucleado por *supe*, como ilustra o enunciado em (39), quanto pela estrutura em que o sintagma posposicional nucleado por *supe* ocorre dentro da oração subordinada, indicada por *arã*, como ilustra o enunciado em (40). Similarmente, as duas estratégias também são empregadas para expressar o *beneficiário* em construções benefactivas, como ilustrado em (41) e (42) abaixo:

(39) *tau-su* *yepé* *ta-mbeu* *xupe*
 3PL.A-ir FRUSTR 3PL.A-contar 3SG.NA.DAT
 ‘Irão em vão contar para ele.’

(40) *ya-mbeu* *tuxawa* *supe=arã*
 1PL.A-contar cacique DAT=SUB
 ‘Contamos para o cacique.’ (E há uma expectativa de que algo seja feito)

(41) *tau-munhã* *kaxiri* *xupe*
 3PL.A-fazer cachiri 3SG.NA.DAT
 ‘Eles fizeram cachiri para ele.’

(42) *tau-munhã* *kaxiri* *xupe=rã*
 3PL.A-fazer cachiri 3SG.NA.DAT=SUB
 ‘Eles fizeram cachiri para ele.’ (E há uma expectativa de que aconteça. Caso a entidade mítica fique bêbada, será mais fácil matá-la).

As estruturas $[[X]_{SN} \textit{supe}]_{SP}$ e $[[[X]_{SN} \textit{supe}]_{SP} \textit{arã}]_{SC}$ são consideradas em alternância, porque são opcionais. Assim, nesta seção, apresenta-se a hipótese de que as duas construções expressem diferenças de modalidade. Mais especificamente, a construção $[[[X]_{SN} \textit{supe}]_{SP} \textit{arã}]_{SC}$

colocaria em evidência a finalidade do processo de transferência (ou de benefício, no caso das benefactivas), ou seja, a construção [[[X]_{SN} *supe*]_{SP} *arã*]_{SC} é utilizada para reforçar a ideia de que se espera que, após o processo de transferência, a entidade transferida (*tema*) tenha um efeito sobre a entidade que recebe o papel temático de *recipiente* ou *beneficiário*. Na sequência discursiva em (43), retirada de um texto escrito produzido por professores de Nheengatu, pode-se observar o uso da construção com dativo *supe* e da construção em que ocorre a combinação de *supe* e *arã*:

(43) *mairame ya-sasa a=rupi* linha a
 SUB:TEMP 1PL.A-passar DEM-PERL
 ‘Quando passamos por lá,

ya-xai xupe=rã manungara linha b
 1PL.A-deixar 3SG.NA.DAT=SUB alguma.coisa
 deixamos algo para ela [entidade mítica],

ti=arã u-xai ya-sasa puxuera linha c
 NEG=SUB 3SG.A-deixar 1PL.A-passar ser.feio
 para que não nos deixe passar por problemas.

ma ti=rume ya-xai xupe linha d
 CONJ NEG=SUB:TEMP 1PL.A-deixar 3SG.NA.DAT
 Mas, quando não deixamos para ela

manungara yawaite puxuera ya-sasa linha e
 alguma.coisa perigo ser.feio 1PL.A-passar
 algo para ela, passamos por perigos feios.’

(MAGISTÉRIO INDÍGENA - POLO NHEENGATU, 2008, p. 10)

Nessa sequência, a conjunção *ma* ‘mas’ estabelece a relação adversativa entre duas construções condicionais. A primeira condicional (linhas a, b, c) expressa o processo de transferência em que uma entidade (*ya-* ‘nós’) deixa uma oferenda (*manungara* ‘alguma coisa’) para uma terceira entidade (*xupe* ‘terceira singular/dativo’). Pelo contexto, é possível resgatar a referência da entidade em papel

de *recipiente*: trata-se de uma entidade mítica, representada por uma velha cobra, com poderes de favorecer ou prejudicar os viajantes que passam por um determinado trecho do rio Xié. A segunda construção condicional (linhas d, e) expressa o evento oposto em que se decide não deixar uma oferenda para a entidade mítica. Observe que, na condicional afirmativa, o dativo ocorreu dentro da oração subordinada; já na condicional negativa, foi utilizada apenas a forma dativa. Pode-se levantar a hipótese de que, na expressão afirmativa, há a expectativa do falante (*agente*) de que a entidade transferida (*tema*) tenha alguma influência em eventos futuros: a entidade mítica (*recipiente*) evitaria que os viajantes passassem por dificuldades. Por outro lado, na construção negativa, não há essa expectativa. Testes de gramaticalidade, em que se propôs alterar a posição do subordinador *arã*, não foram aceitos pelos falantes.

Em verbos de enunciação, também é possível reconhecer a modalidade de finalidade em construções com a estrutura [[[X]_{SN} *supe*] *arã*]. Em (44), o verbo *mbeu* ‘contar’ é utilizado para expressar o evento genérico de compartilhar histórias. Não há uma expectativa de que a entidade transferida tenha relação com a situação presente. Em (45), o verbo *mbeu* ‘contar’ seleciona como complemento *kuekatu* ‘mensagem’. É razoável imaginar que o processo de transferência de uma mensagem seja visto como um evento que potencialmente tenha relevância para eventos futuros. Em (46), apresenta-se o evento em que um homem convida a esposa para partir. A estrutura subordinada *supe=rã* permite expressar a expectativa do marido de que a esposa o acompanhe:

(44) *nhaã tempu pe-wapika pe-mbeu pe-rumuara ta-supe*
 DEM tempo 2PL.A-sentar 2PL.A-contar 2PL.NA-companheiro 3PL.NA-DAT
 ‘Naquele tempo, vocês sentavam, contavam [histórias] para seus companheiros.’

(45) *re-mbeu kuekatu xupe=rã*
 2SG.A-contar mensagem 3SG.NA:DAT SUB
 ‘Contava o recado para ele.’ (E há uma expectativa em relação ao uso da mensagem no futuro)

- (46) *yande u-nheẽ ximiriku supe=rã ya-su=wã*
 1PL 3SG.A-dizer 3SG.NA.esposa DAT=SUB 1PL.A-ir=PFV
 ‘Nós – disse para a esposa – já vamos!’ (E há expectativa de que a esposa o acompanhe)

No caso das intralocutivas, pode-se imaginar que tudo o que é feito em benefício de um dos interlocutores ou transferido para esse interlocutor seja relevante para a situação futura, por essa razão, é sempre marcada pelo subordinador de finalidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma descrição das construções bitransitivas e benefactivas em Nheengatu. Observou-se que, nessa língua, há uma cisão morfológica na forma de marcação de *recipiente/beneficiário* intralocutivos e extralocutivos. Os participantes extralocutivos são identificados pela posposição *supe* ‘dativo’ e os intralocutivos não recebem a marca de dativo, mas ocorrem obrigatoriamente em uma subordinada de finalidade. O subordinador de finalidade também pode ocorrer com o sintagma posposicional de dativo, de modo a marcar como saliente a finalidade do processo de transferência. No esquema em (47), propõe-se um sumário das construções bitransitivas e benefactivas em Nheengatu:

- (47) 1 > 2 > 3 > NOME PRÓPRIO > HUMANO > ANIMADO > INANIMADO
- | | | | |
|------------|-------------|------------|------------------------------|
| <i>arã</i> | <i>supe</i> | <i>arã</i> | |
| SUB | DAT | SUB | (modalidade de finalidade) |
| | <i>supe</i> | | (sem marcação de modalidade) |
| | DAT | | |

A cisão morfológica nas formas de marcar o dativo em Nheengatu é um fenômeno recente na língua, uma vez que não ocorria em Tupinambá. As línguas da família Tupi-Guarani fazem uso da hierarquia de referencialidade nas orações transitivas para marcar o sujeito, porém não são conhecidas instâncias de cisão morfológica para indicar o *recipiente/beneficiário*.

Estudos futuros, a partir de uma perspectiva diacrônica, deverão ser empreendidos para compreender o processo de reestruturação das construções bitransitivas e benefactivas em Nheengatu. Um estudo dessa natureza deverá analisar o processo de gramaticalização de *supe* e *arã*, tendo em vista uma investigação de possíveis influências do contato linguístico com o Português, com as línguas Arúak em processo de substituição e com as demais línguas indígenas da região.

MORPHOLOGICAL SPLIT IN NHEENGATU BITRANSITIVE CONSTRUCTIONS

ABSTRACT

In Tupi-Guarani languages, referential hierarchies have proven valuable for analyzing differential patterns of marking objects in transitive sentences (JENSEN, 1990) for a comparative view). Unlike other languages of the family, Nheengatu (Amazonian *lingual geral*) treats speech-acts participants and 3rd person in transitive sentences the same. Nheengatu further differentiates itself by its innovative use of referential hierarchies in the ditransitive constructions: referential effects lead to a split in the form of marking *goals/recepients*. Additionally, the marking of *goals/recepients* may also be associated with the expression of purposive modality. This paper describes the patterns used for indicating *goals/recepients*, and analyzes the syntactic, semantic and pragmatic factors correlated to each of the possible constructions.

KEY WORDS: Nheengatu (*Amazonian lingual geral*), referential hierarchies, ditransitive constructions, morphological split, purposive modality.

ESCISIÓN MORFOLÓGICA EN CONSTRUCCIONES BITRANSITIVAS EN NHEENGATU

RESUMEN

En varias lenguas de la familia Tupi-Guarani, las jerarquías referenciales han constituido un indicador útil para evaluar patrones de marcaje diferencial del objeto en cláusulas transitivas (JENSEN, 1990) para una perspectiva comparativa. A diferencia de otras lenguas de la familia, el Nheengatu (o lengua general amazónica) trata de forma similar los participantes intra- e extralocutivos de las cláusulas transitivas. Además, en las construcciones bitransitivas (y también en las benefactivas), los efectos de la jerarquía de referencia generan una escisión en la forma de marcar los recipientes (y beneficiarios) tanto intra- como extralocutivos. De otro lado, el marcaje del tercer participante también

puede estar correlacionado con la modalidad de finalidad. En este trabajo se describen los patrones de marcaje del tercer participante, y se analizan los aspectos sintácticos, semánticos y pragmáticos de cada una de las posibles construcciones que realizan el tercer participante.

PALABRAS CLAVE: Nheengatu (o lengua general amazónica), jerarquías referenciales, construcciones bitransitivas, escisión morfológica, modalidad de finalidad.

Notas

- 1 Agradeço aos editores Christiane Cunha de Oliveira, Marina Maria Magalhães e Joana Plaza Pinto, aos pareceristas anônimos e aos participantes do *IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia* (CIELLA), pelas sugestões enriquecedoras a este trabalho. Não posso deixar de agradecer também aos meus professores de Nheengatu.
- 2 Ainda que nomes e verbos possam funcionar como argumento e predicado, a distinção entre nomes e verbos ocorre em todas essas línguas.
- 3 Abreviaturas utilizadas neste trabalho: 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa; 3 = terceira pessoa; A = argumento agentivo (sujeito de verbos transitivos e argumento único de intransitivos ativos); AUM = aumentativo; CAUS = causativo; COM = comitativo; CONJ = conjunção; DAT = dativo; DEM = demonstrativo; FRUSTR = frustrativo; IMP = imperfeito; INDF = indefinido; NA = argumento não agentivo (argumento único de intransitivos estativos; possessivo em nomes); NEG = negação; NEG.CONTR = negação contrastiva; OBRIG = deôntico de obrigação; PFV = perfectivo; PL = plural; Q = interrogativo; RELAT = relativo; SG = singular; SUB = subordinador.
- 4 Para os critérios adotados com o propósito de estabelecer a distinção entre clíticos e partículas, e entre partículas e advérbios em Nheengatu, cf. Cruz (2011).
- 5 A ordem do sujeito em relação ao predicado nominal é definida por fatores discursivos, cf. Cruz (2011, capítulo 11.2) para uma proposta de análise.
- 6 A posposição de dativo pode ser realizada como *supe*, quando combinada com um sintagma nominal manifestado lexicalmente, ou pode combinar-se com prefixos de 3ª pessoa da série não ativa: *ta-* (3PL.NA), formando *ta-supe*, e *i-* (3SG.NA), formando *xupe*.

- 7 É possível levantar a hipótese de que a ordem esteja associada aos fatores discursivos, como o *status* informacional dos referentes no discurso e do grau de animacidade. Essa investigação, no entanto, será realizada em trabalhos futuros.
- 8 O paralelo estrutural com o Português, nas construções com *recipiente/beneficiário* intralocutivos, pode não ser coincidência. É possível que as construções com preposição *para*, em Português, tenham influenciado a mudança na forma de marcação de dativas em Nheengatu, que, pelo menos em relação às intralocutivas, se aproximaram das construções de finalidade. Contudo, a investigação dessa hipótese de mudança induzida por contanto linguístico vai além dos objetivos deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- COMRIE, B. Recipient person suppletion in the verb “give”. In: WISE, M. R. et al. (Eds.). *Language and life: essays in memory of Kenneth L. Pike*. Dallas: SIL International, 2003. p. 265-281.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CRUZ, A. *Fonologia e gramática do Nheengatu: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. Utrecht: LOT, 2011.
- DRYER, M. S. Primary objects, secondary objects, and antidative. *Language*, v. 62, n. 4, p. 808-845, 1986.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. v. I, II. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HASPELMATH, M. The geometry of grammatical meaning: semantic maps and cross-linguistic comparison. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. Nova York: Lawrence Erlbaum, 2003. v. II. p. 211-243.
- JENSEN, C. Cross-referencing change in some Tupi-Guarani languages. In: PAYNE, D. L. (Org.). *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas, 1990. p. 117-158.
- KITILÄ, S. Recipient-prominence vs. beneficiary-prominence. *Linguistic Typology*, v. 9, n. 2, p. 269-297, 2005.

MAGISTÉRIO INDÍGENA - POLO NHEENGATU. *Barekeniwa taupinima waa - Yane Iwi Resewara*. Edição: Aline da Cruz (consultora linguística responsável). Comunidade de Assunção do Içana, São Gabriel da Cachoeira: Coleção de textos, 2008. (Não publicado).

MALCHUKOV, A. L.; HASPELMATH, M.; COMRIE, B. Ditransitive constructions: a typological overview. In: _____. *Studies in ditransitive constructions: a comparative handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.

PRAÇA, W. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PRAÇA, W.; VICENTE, H. S. G. A expressão gramatical da polidez em Tapirapé. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 11, n. 2, p. 97-116, 2010.

RODRIGUES, A. Dall’Igna. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Abralín*, v. 19, p. 57-66, 1996.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas (SP): Ed. Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

ZÚÑIGA, F.; KITTILÄ, S. Introduction. Benefaction and malefaction from a cross-linguistic perspective. In: _____. *Benefactives and malefactives: typological perspectives and case studies*. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2010. p. 1-28.

Recebido em 20 de maio de 2014

Aceito em 4 de outubro de 2014
